

"Apoio ético" ganha terreno no governo

Andrei Meireles

Trava-se uma mal contida guerra nos bastidores do Governo sobre a utilização ou não da máquina administrativa em apoio à candidatura Paulo Maluf. Dois fatos fortaleceram, ontem, a posição dos que internamente no Governo lutam para que este apoio seja exclusivamente político: 1) — O deputado Amaral Netto, destacado malufista, não pronunciou o seu anunciado discurso de denúncia de traição a seu candidato dentro do próprio Governo; 2) — O deputado Nelson Marchezan, passando à ofensiva, assegurou que o Governo e o presidente Figueiredo dão «apoio ético» a Maluf, sem comprometer «a ação e os objetivos administrativos».

O adiamento ou cancelamento do discurso de Amaral Netto tem duas versões: Na primeira, ele estava ocupado com outras tarefas no momento em que deveria ir à tribuna, mas pronunciaria hoje o seu discurso; na segunda, o desagrado do Planalto manifestado ao próprio Maluf teria sido responsável pelo cancelamento. Marchezan gostou, explicando que teria sido desagradável e inoportuna uma manifestação contra o principal assessor político de Figueiredo, o ministro Leitão de Abreu.

Trégua passageira

A trégua, contudo, é passageira: dentro do Governo, prossegue a luta, com os ministros Murilo Badaró e Ibrahim Abi-Ackel insistindo na utilização da máquina pró-Maluf e Leitão de Abreu resistindo.

Entre os malufistas, é generalizada a convicção de que o apoio do Governo da forma que vem sendo dado está imobilizando seu candidato — impede que, com uma postura oposicionista, melhore sua imagem junto à opinião pública —, sem ter uma

contrapartida em votos a nível de Colégio Eleitoral. Como superar isto é que é o problema: voltar-se contra o Governo é tido como suicídio político, mas continuar apenas com seu apoio formal seria prolongar uma morte lenta.

Na reunião ampliada do Diretório Nacional, esta questão será claramente tratada. Em suas últimas entrevistas, Maluf está dando o tom: 1) — No domingo, em São Paulo, se disse um candidato oposicionista que conta com o apoio supletivo do Governo; 2) — Ontem, em Brasília, disse que vencer ou perder faz parte de qualquer disputa, negativo é não colocar o time em campo e tentar ganhar. O recado é claro e os malufistas pretendem transmiti-lo com maior agressividade nas próximas horas.

Nova divisão

Até o momento a polêmica interna no Governo está produzindo apenas um mal-estar, mas se a impaciência crescente dos malufistas raduzir-se em manifestações concretas nos próximos dias será aberta uma nova crise governista.

No atual processo sucessório, as oposições estão assistindo de camarote a desagregação de seus adversários: 1) — O embate inicial foi entre malufistas e a Frente Liberal; 2) — Depois, os andreazzistas comandados pelo ex-governador Antonio Carlos Magalhães entraram em cena e assumiram a briga; 3) — Agora, surge nova briga interna entre as forças que formalmente apoiam Maluf, contrapondo ministros e lideranças partidárias.

Essas sucessivas dificuldades estão impedindo que Maluf saia da defensiva para a ofensiva. Para disputar com chances de vitória a eleição com o ex-governador Tancredo Neves, terá primeiro que se ajeitar internamente. Aparentemente, uma tarefa bastante difícil.